

"PRÁTICAS MÁGICO-RELIGIOSAS NA CIDADE DE SÃO PAULO"

José Guilherme Cantor Magnani *

Com certeza, todas aquelas coisas foram colocadas ali na esquina na noite anterior, uma sexta-feira: as velas estão caídas e apagadas, menos uma que queimou até o fim; o alguidar contém ainda restos de uma farofa amarela; a garrafa está quebrada. Dá pra perceber, também, o charuto, as fitas, e as flores, agora murchas.

Quem já não presenciou, nas ruas da cidade de São Paulo, uma cena semelhante? Para muitos, a inesperada descoberta obriga a um longo e prudente desvio; alguns não darão a mínima importância - "isso é coisa de gente ignorante" -, enquanto outros pronunciarão, com respeito, uma saudação ritual: "Larô-iê!". Feitiçaria, macumba, "coisa-feita", "trabalho", despacho? Obra do demônio, sem dúvida, esbravejaria aquele senhor de terno escuro com a bíblia na mão anunciando, na praça, a chegada do Reino do Senhor, o castigo dos pecadores e a salvação dos justos.

Não deixa de chamar a atenção a presença de duas manifestações religiosas tão diferentes, a poucos metros uma da outra. Mais surpreendente seria, ainda, se se tentasse explicar a presença dessas e muitas outras manifestações semelhantes à luz dos cânones do evolucionismo cultural: afinal de contas, não estava prevista a contínua evolução da humanidade desde os estágios mais atrasados da "selvageria" - passando pela "barbárie" - até a etapa última da "civilização"? O pensamento humano não iria, assim, superar as primitivas formas da magia, ultrapassando em seguida as concepções religiosas para, finalmente, atingir as categorias racionais da ciência. Já não era tempo, principalmente

nos centros mais desenvolvidos - afinal estamos no limiar do século XXI - de o progresso ter, de uma vez por todas, eliminado esses e outros vestígios da irracionalidade e da superstição?

Pois parece que não, a julgar pela impressionante quantidade e variedade de seitas, religiões, crenças, cultos e rituais que é possível constatar na cidade de São Paulo.

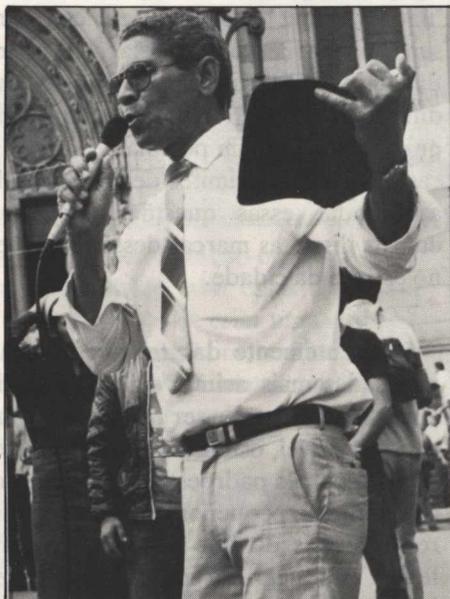


Foto: Maurício P. Spósito

MARCAS DO SAGRADO NA PAISAGEM DA CIDADE: OS CRISTÃOS

O templo católico, desde os tempos da colônia, faz parte da paisagem de nossas cidades. Catedral, basílica, santuário, igreja matriz, ou simples capela - lá está, na praça principal, contrapondo-se, enquanto representação do poder espiritual, ao símbolo do outro poder, o temporal, corporificado na "casa de câmara e cadeia". E mesmo nas cidades de implantação mais recente, não falta a presença da igreja católica, geralmente no espaço urbano central.

Mosteiros, conventos, seminários, colégios etc constituem outras tantas marcas da presença - e do poder - da Igreja Católica. Menos portentosos ou monumentais, mas nem por isso menos representativos, os sinais do chamado catolicismo popular ou "rústico" deixam também suas marcas: cruzeiros, capelinhas, nichos, cruces de encruzilhadas ou estrada, bandeiras do Divino, mastros de São João etc, evidenciam outras modalidades de práticas devocionais ligadas à religião católica. Poder-se-ia objetar: estas últimas não são mais comuns na área rural ou em pequenas cidades do interior? Onde, em São Paulo, sua presença? Talvez sua visibilidade fique comprometida pela concorrência de outros edifícios, monumentos, marcos e equipamentos característicos de uma grande metrópole. Mas que existem, existem. Basta procurar com olhar treinado nos lugares certos - ou rastrear nas redes de sociabilidade que sustentam o cotidiano dos moradores, práticas que vieram ao longo dos fluxos migratórios e que conservam, ainda, forte sabor de uma religiosidade de cunho rural.

Cabe registrar, em seguida, a presença dos templos protestantes. Os que pertencem às chamadas "denominações históricas" - luteranos, anglicanos, presbiterianos, batistas etc - são encontrados geralmente nos centros maiores e em bairros inicialmente ocupados via processos migratórios de origem europeia. Já os templos "pentecostais" - popularmente englobados na categoria "crentes" - localizam-se, na maioria das vezes, na periferia desses grandes centros; mas também em pequenas cidades do interior, em bairros rurais, ilhas, vilas de pescadores, e até mesmo em reservas indígenas. A impressionante proliferação de tais cultos, de forma especial junto à população mais pobre, tem chamado a atenção dos analistas. As explicações para o fenômeno são mui-

tas. Uma são as "teorias conspirativas": o imperialismo norte-americano, com seus recursos, missionários - e com inconfessáveis intenções - estaria por detrás da disseminação daqueles cultos cuja sede é nos Estados Unidos; outros responsabilizam a recente politização da Igreja Católica cuja hegemonia no campo propriamente espiritual estaria sendo suplantada pelas mensagens menos intelectualizadas e mais voltadas para a experiência da fé, as quais caracterizam as práticas pentecostais. As propostas da "linha carismática", surgidas em setores da Igreja Católica, seriam uma tentativa de recuperar terreno no campo de uma relação mais emocional e direta no trato com o sobrenatural.

Seja como for, não se pode deixar de registrar a impressão que causa a visão daquele grupo de pessoas simples, mas dignas - os homens em seus lustrosos, surrados ternos, e as mulheres, recatadas com blusas de mangas compridas, os cabelos longos e presos - todos com a bíblia na mão, nas ruas da periferia da cidade grande ou em algum poeirento caminho rural, em direção ao templo. Sua postura é indicativa de um modo de vida que se contrapõe às duras condições de vida, ou melhor, que procura, apesar da pobreza, resgatar uma dignidade que sua posição na sociedade impede de mostrar. Não se trata de uma "adaptação" às características da vida industrial ou de uma mera resposta às condições da vida urbana. Mesmo porque a sociedade urbano-industrial não constitui um mundo homogêneo ao qual se possa "adaptar". O fato é que se consideram "irmãos", pertencem a uma "comunidade de eleitos": na realidade, localizam-se numa rede de obrigações e direitos mútuos que é o que lhes garante, no nível do simbólico, encarar o mundo com dignidade, apesar de tudo.

O SAGRADO NA PAISAGEM DA CIDADE: OUTRAS MARCAS

Estamos falando agora dos cultos afro-brasileiros. Sob esta denominação costuma-se na realidade agrupar

uma série de práticas mágico-religiosas que, apesar de terem em comum o fato de basearem seu contato com o sobrenatural no fenômeno de possessão, apresentam profundas diferenças tanto na doutrina como nos rituais. Candomblé e Umbanda constituem as duas grandes divisões mais óbvias: o primeiro, reconhecido principalmente por sua vinculação mais estreita com as antigas crenças e práticas trazidas pelos escravos negros, enquanto que a Umbanda mostra influências também de cultos indígenas, crenças católicas e da doutrina do espiritismo Kardecista. É claro que esta distinção não esgota a riqueza de cada uma dessas religiões, cada qual, por sua vez, apresenta novas diferenciações. No Candomblé, por exemplo, é preciso distinguir as várias "nações" - queto, angola, jejê etc, com suas particularidades, relações e influências mútuas; umbanda, por sua vez, diferencia-se da "mesa branca", da quimbanda, e assim por diante. Não é o caso, porém, nos limites deste artigo, de aprofundar essas questões. Vejamos, em vez disso, as marcas dessas religiões no espaço da cidade.

Diferentemente das religiões cristãs, analisadas mais acima, cujo padrão de implantação pode ser descrito como central, visível, ostensivo - os cultos afro seguem outros padrões: em vez de grandes templos, pequenos espaços, os "terreiros"; mais do que o centro, a periferia; em lugar da praça, a encruzilhada; em vez do dia, a noite. Esta estratégia - esconder-se, ao invés de se mostrar - teve a ver, entre outros fatores, com as dificuldades do processo de legitimação dessas religiões, por muito tempo consideradas ritos bárbaros, fruto da ignorância e superstição, sujeitos à repressão policial.

Hoje, o quadro não é exatamente o mesmo. Não chama mais a atenção, por exemplo, nos grandes centros, a presença de membros dessas religiões exibindo colares, braceletes, roupas típicas etc. Aliás - e essa é uma questão que será tratada adiante -, nota-se na realidade uma reversão daquele antigo processo: a procura por esses cultos vem

crescendo e não se pode afirmar que o candomblé, por exemplo, seja uma religião específica da população negra, ou que a umbanda seja freqüentada por pessoas, brancas ou negras, oriundas exclusivamente dos estratos de baixa renda. Importa contudo ressaltar que o padrão de implantação no espaço urbano é uma pista que diz algo da natureza, da história e do significado dessas religiões; e o fato de práticas tradicionalmente confinadas a espaços pequenos, lugares distantes, ou ao receso das casas estarem reivindicando e conseguindo maior visibilidade, constitui um indicador importante para desvendar seu significado hoje, nos grandes centros urbanos, como é o caso de São Paulo.

Mas deixando de lado o sem dúvida intrincado problema da transformação dos cultos afro-brasileiros, e por conseguinte, o de suas novas formas de inserção, hoje, na metrópole, cabe observar um fenômeno interessante ligado à difusão de alguns de seus elementos rituais. Com efeito, práticas como o jogo de búzios, ritos propiciatórios, de "limpeza", uso de plantas e ervas consideradas sagradas, insígnias dos "orixás" e "entidades" etc., começam a transcender os limites dos centros de culto e do círculo dos iniciados para atingir um público mais amplo.

Na realidade, o costume de procurar esporadicamente o terreiro em busca de alguma ajuda espiritual, a consulta a este ou aquele pai-de-santo, ou ainda o fato de se acender uma vela em honra de Iemanjá, por ocasião do ano novo, entre outros tantos exemplos possíveis, não constituem propriamente uma novidade: no nível das práticas existe um ecumenismo ditado mais pela lei do reforço do que por licenças teológicas. Afinal de contas, Ogum não é São Jorge? O que chama a atenção é, em primeiro lugar, o fato de que tais práticas são assumidas mais abertamente: não existe a preocupação de dissimular. Em segundo lugar, elas se dão ao lado de outras práticas e crenças, das mais variadas origens. O que se verifica, por conseguinte, é um processo mais geral

de "reaquecimento", digamos assim, do campo mágico-religioso.

Desta forma recorre-se ao jogo de búzios como se recorre ao Tarô, ao I Ching, ao pêndulo, à quiromancia, à bola de cristal, às cartas, ao mapa astral, à numerologia, à Kirliangrafia, às runas e a outros sistemas divinatórios; recorre-se, não a este ou àquele, mas a este e aquele e mais aquele. Já estamos, como se pode perceber, em pleno campo do chamado "esoterismo", genérica denominação que agrupa práticas e crenças ainda mais díspares que as designadas pelo termo "afro-brasileiro". Além dos sistemas divinatórios já citados, podemos lembrar as terapias "alternativas", as massagens e manipulações, os exercícios, a alimentação "natural", os elementos de "energização", os sistemas filosófico-doutrinários de diferentes povos e civilizações, novas ciências etc, etc. A lista que segue - incompleta e não ordenada -, pode dar uma idéia da amplitude do fenômeno: acupuntura, do-in, shiatsu, quiropraxia, cromoterapia, holística, terapia das vidas passadas, ioga, tai-chi-chuan, radiestesia, fitoterapia cármica, pirâmides, cristais, magia inca, psicotrônica, antroposofia, nova era, viagem astral, teosofia, satanismo, ritos budistas, taoístas e muitos outros.

Tão ampla quanto esta lista é a variedade das motivações que a sustentam: vão desde a busca de uma vida "saudável" até necessidades de novas formas de espiritualidade e experiências transcendentais. Múltiplos também são os lugares que ocupam no cenário da cidade, desde a simples peneira no colo da vidente, com as cartas, no Viaduto do Chá, até as sofisticadas tendas da Feira Mística na praça Marechal Cordeiro de Farias, no Pacaembu. Shopping-centers, entrepostos de comida "natural", livrarias, pequenas clínicas, feiras de antiguidades e até mesmo as próprias residências servem de ponto de encontro e de prática. Espalhado, para pequenos grupos, mas não escondido: este é o padrão de implantação das práticas "esotéricas", que apresentam um forte enraizamento na classe média intelectualizada.



Foto: Maurício P. Spécio

CONCLUINDO

Conclui-se, portanto, que múltiplas e variadas são as formas por meio das quais se expressa a religiosidade e busca de contato com valores espirituais, hoje, na cidade de São Paulo. Mais: fazem parte do que denominamos "campo mágico-religioso" onde - com as exceções de praxe - convivem mais do que se digladiam. Ou seja, em vez de um comportamento baseado no proselitismo sectário, estabelecem entre si relações de contato, troca, reforço. Outra característica de sua peculiar forma de existência na metrópole é a utilização da tecnologia: bênçãos através do rádio; previsões, missas, sessões, curas e cultos via TV; mapa astral pelo computador; consultorias espirituais; marketing etc. De modo que a "modernidade" não só não acabou com o chamado "obscurantismo" de práticas "irracionais" como terminou sendo um instrumento de sua propagação.

Numa perspectiva mais geral, como se poderia analisar não só a persistência como também o sensível aumento da procura pelas práticas mágico-religiosas, na sociedade moderna? Não é o caso, a esta altura, de apelar para as velhas e esquemáticas teses segundo as

quais as religiões são o "ópio do povo" ou mecanismos habilmente construídos e manipulados pelas classes dominantes para manter as demais sob seu poder. À parte casos onde essa manipulação não deixa lugar a dúvidas - há exemplos recentes - evidentemente não se pode reduzir o complexo fenômeno religioso a tal tipo de generalização.

Tampouco se podem encarar as manifestações mágico-religiosas como "sobrevivências" de um passado que o progresso tenderia, inexoravelmente, a eliminar. O que se vê é não apenas uma continuidade das práticas mágico-religiosas - apesar de todo o "progresso" - como sua coexistência com a tecnologia. Qual seria, então, seu significado?

Se levarmos em conta o atual contexto de sua ocorrência, a moderna sociedade de massas, pode-se pensar que a adesão aos sistemas de crenças e práticas a que nos referimos, representa, entre outras coisas, uma busca por grupos de pertencimento, de encontro, de partilha de valores e de controle mútuo. Importa, principalmente nas grandes metrópoles, sentir-se membro de um pequeno grupo, situar-se numa rede de sociabilidade, exibir sinais de reconhecimentos "os irmãos", "os adeptos" e também de diferenciação: nós, os "iluminados", os "eleitos" etc. E frente à imprevisibilidade do dia-a-dia, as práticas e os jogos divinatórios têm o particular efeito de produzir, no aparato psíquico de seus usuários, um fortalecimento da sensação de autoconfiança, eliminando ou re-interpretando os focos de tensão e medo. Dessa forma, as diferentes religiões, tanto as tradicionais como as novas modalidades, continuam sendo sistemas de símbolos que norteiam a vida e dão significado ao mundo. É a mesma antiga necessidade que se tem de pôr ordem - alguma ordem, mas consistente, totalizadora, às contingências da vida e de dar, igualmente, sentido às suas grandes e perenes questões.

* José Guilherme Cantor Magnani é professor de Antropologia Urbana na USP; Vice-Chefe do Departamento de Antropologia da FFLCH/USP e autor de "Festa no Pedaco: Cultura Popular e Lazer na Cidade" (Brasiliense) e "Umbanda" (Ática).